

FICHA TÉCNICA

facebook.com/manuscritoeditora

© 2019

Direitos reservados para Letras & Diálogos,
uma empresa Editorial Presença,
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 BARCARENA

Título original: *O céu é para quem não desiste de voar*

Autor: Miguel Ribeiro

Copyright © Miguel Ribeiro, 2019

Copyright © Letras & Diálogos, Lisboa, 2019

Ilustrações: Sara Lou

Capa e Paginação: Catarina Sequeira Gaeiras

Revisão: António Brás/Editorial Presença

ISBN: 978-989-8871-95-4

Depósito legal n.º 452243/19

1.^a edição, Lisboa, março, 2019



Índice

O menino e o papagaio de papel	13
O jardim	29
O velho e o barco	43
O fiel companheiro	61
Uma estrela	77
O mar	91
O cavalo	107
A borboleta	121
O menino e a borboleta	137
A tempestade	153
O rio	167
O horizonte	181





Diziam-lhe que ainda era uma criança e que apenas quando crescesse conseguiria perceber. Falavam-lhe em maturidade, em tudo o que se aprende com o passar da idade, calavam a sua voz como se o timbre infantil não tivesse um peso credível.

– Eu só falo do que vejo.

Retorquiam, afirmavam que havia muito mais para ver, que a vida ainda era um conto de fadas para quem havia dado há pouco tempo os primeiros passos. Teorizavam incansavelmente que é necessário romper-se as solas para se falar do que está à nossa volta. Tentavam dissuadi-lo a todo o custo das suas supostas ilusões.

– Mas eu juro que vi, que ouvi com estas minhas duas orelhas. Que agarrei, abracei, que até lhe senti o paladar. Podes acreditar que sei do que falo.

Replicavam, explicavam-lhe cabalmente que nem tudo é o que parece. Que os mais pequenos ouvem e enxergam coisas onde elas não existem. Formulavam todo um raciocínio elaborado com a maior das eloquências para fazê-lo desistir da sua ousada imaginação.

– Às vezes cansa ser apenas um jovem rapaz.

Era uma batalha, uma preocupação constante, uma azáfama para lhe ensinarem o que supostamente tinha de aprender. Repetiam tudo exaustivamente, contudo não presumiam que o erro talvez pudesse estar neles mesmos. «Quando fores adulto vais ver as coisas da maneira certa», mas esqueciam-se que só o olhar de uma criança é puro, genuíno e desnudado

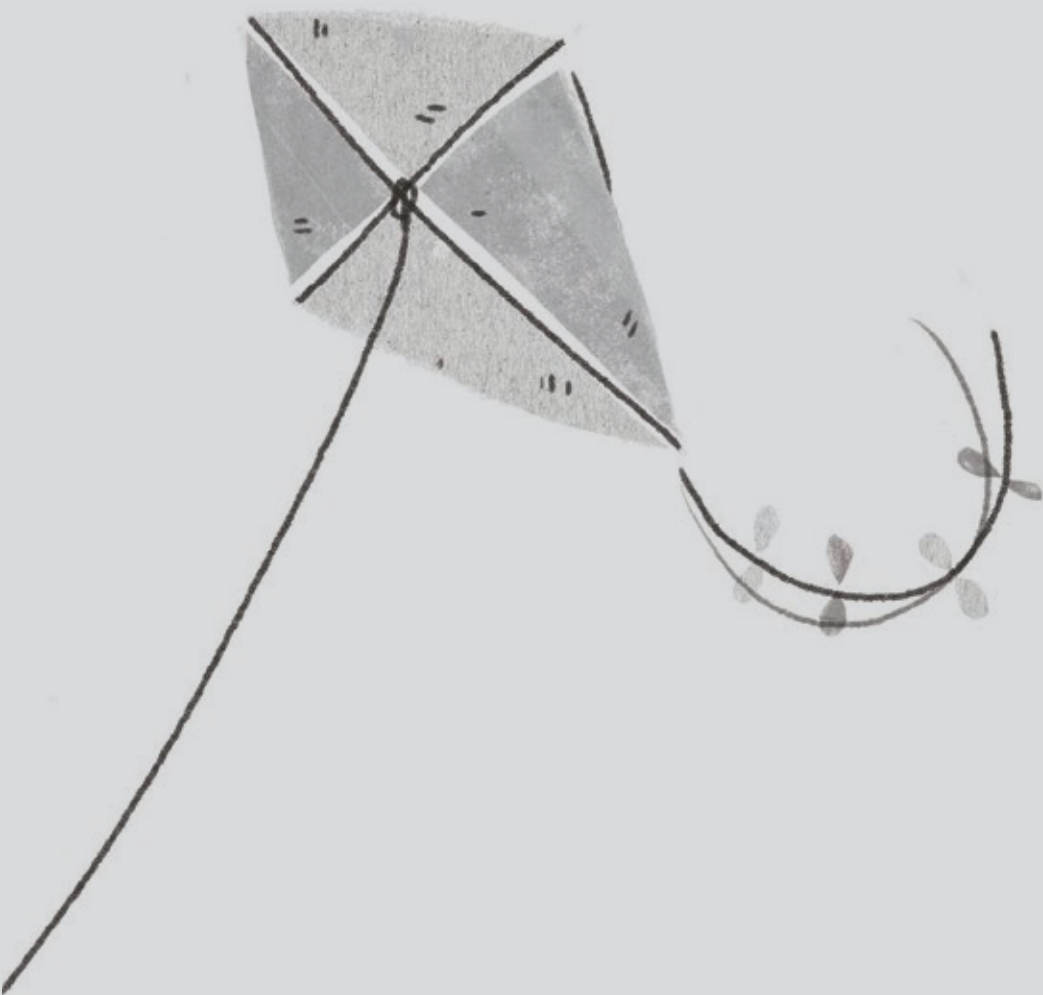
de preconceito. «Precisas de crescer para saberes o que realmente queres», mas ignoravam que só os desejos dos mais novos são sinceros e desprovidos de egoísmo. «Apenas quando fores maior vais conseguir lutar por coisas realmente importantes», mas desconheciam, pobres incautos, que é já no coração de um tenro menino que vive o poder de se transformar o mundo.



«Deixa-me ser criança. Deixa-me ser este simples menino que passeia ao sabor do vento com o seu papagaio de papel e conta todas as flores sem pressa nas margens do rio. Não me perguntes o que quero ser quando for grande, pois tudo o que os adultos desejam é retornar à infância, nem me questiones mais a idade com vontade de me ver crescido, pois um dia terei saudades de contar os meus anos pelos dedos das mãos.

Deixa-me ser criança, só e apenas criança. Deixa-me viver o que nunca fui, tudo o que talvez não voltarei a ter.»

O menino e o papagaio de papel



*«Só és criança uma vez.
Que seja do primeiro ao último dia
da tua vida.»*



Foi numa noite comum a tantas outras que o menino ouviu aquele som que mudaria a sua vida para sempre. Era uma voz particularmente melodiosa que, mesmo não mencionando o seu nome, falava como se chamasse por ele, como se lhe quisesse mostrar um possível caminho. E o menino saltou prontamente da cama, pé ante pé percorreu silenciosamente cada centímetro da casa até descobrir que parado à sua porta estava um resplandecente papagaio de papel.

Tentou segurá-lo, mas a corda fugia-lhe das mãos, saltou para agarrá-lo, mas ele escapava-se pelos céus. E sempre que regressava prendia-se ao seu peito puxando-o suavemente como se o quisesse levar para outro lugar. Aquele papagaio de papel convidava-o a caminhar até junto do rio.

— E se eu me perder? Se depois não souber como regressar?

Havia uma parte dele que queria descobrir o que havia de tão especial para lá dos lugares até onde já tinha ido, mas olhou para a escuridão daquela madrugada, refletiu no risco que seria abandonar tudo repentinamente e naquilo que a mãe lhe diria caso tomasse essa atitude aparentemente negligente. Pensou muito, e entre algumas hesitações decidiu que teria de ficar para uma outra ocasião, talvez aquele não fosse ainda o momento certo. O menino regressou a casa e o papagaio de papel desapareceu, ainda que na sua cabeça continuasse a ouvir aquele apelo tão apeteçível, ao qual ia respondendo em pensamento:

— Um dia vou partir para seguir na tua direção porque tudo o que me queres mostrar é o que faz falta ao meu coração.

Pairava-lhe a convicção de que aquele pedaço de papel esvoaçante tinha muito para lhe revelar, alguma coisa especial que lhe ensinaria uma infirmitude de segredos. Às vezes precisamos de ir atrás daquilo que nos chama para descobrirmos tudo o que nos têm a dizer. E o menino já não tinha dúvidas que, mais tarde ou mais cedo, acabaria por ceder.



Leve, mais leve, como a pena que se desgruda da pomba em fuga, como bafos de gente resfriada nas ruas em plena manhã de inverno. Só tens de ser leve, desprender-te de tudo o que te faz ficar estagnado e acreditar que, no fundo, não há nada de errado em se querer tocar o céu. Bem lá dentro do teu peito talvez haja pesos indevidos, às vezes esquecidos pelo veneno da acomodação. Pesa-te o medo, a ansiedade e o amargo do passado, pesa-te a dúvida atroz e a dor de um dia teres falhado. Não precisas de soltar tudo de uma vez, mas há que despir as entranhas como quem tira a roupa antes de um banho de imersão. Leve, mais leve, para que os passos aconteçam na medida certa e ganhem tons de clarividência sempre que tomam uma direção.



Existe sempre a possibilidade de continuares a ver o mundo como quem entra no mar pela primeira vez. E ela está no brilho notório que não se perde dos teus olhos, na expectativa de um trago de aventura presente em cada traço do teu rosto. Não importa as vezes que já se repetiu, se já lhe tomaste o gosto ou se a inocência se diluiu. Há tanto ainda a descobrir em ti mesmo, em cada mergulho uma história, um despertar para uma nova vida. Só necessitas que a alma fique rendida, que receba de braços abertos o momento, como uma mãe que abraça o seu pequeno filho no final de mais um dia de escola. Existe sempre essa possibilidade para quem não se contenta, e vez após vez se alimenta do desejo de querer ser feliz.



Quem te fez cessar a curiosidade? Quem te matou a ânsia da descoberta? Em crianças o nosso maior dom é o de questionarmos o mundo e procurarmos breves explicações para as coisas mais simples da vida. Perguntamos porque

o céu é azul sem esperarmos respostas muito elaboradas. Buscamos apenas uma justificação concisa que nos sacie a imaginação — talvez neste caso bastasse nos dizerem que o céu é azul porque quem o pintou quis que ele fosse da cor do mar.

Mas o tempo passa e começamos a padecer de uma preguiça crónica que nos faz esquecer de como devemos olhar para aquilo que nos rodeia. Deixamos que a sucessão dos anos nos leve a sede da pura aprendizagem e passamos a acomodar-nos com o pouco sabor que esprememos dos nossos dias. Será que crescermos intelectualmente nos incapacita de vermos a essência daquilo que somos feitos?

É preciso regredirmos, reeducarmos os nossos hábitos e aprendermos com aqueles que na inocência compreendem a felicidade que às vezes nos falta. É necessário olharmos novamente para o céu para discutirmos os formatos das nuvens e viajarmos até à beira-mar para esclarecermos de uma vez por todas quantas pás de areia cabem num balde de praia. Há tanto à nossa volta para observar e desfrutar com a devida simplicidade que remeter-nos à ignorância é o maior dos pecados. Porque não te sentas a escutar o vento? Porque não lhe perguntas todos os seus segredos?



**«Se é pelos sonhos que vivo, e se é de sonhos que sou feito,
vou guardá-los todos em mim até me transbordarem do peito.»**

Talvez todos os sonhos sejam feitos de uma matéria invulgar que contraria as teorias da física e desafia as leis da gravidade: quanto maiores eles são, quanto mais peso têm no peito, mais leves nos deixam, maior é a probabilidade de nos fazerem levitar. Os verdadeiros sonhadores não vivem presos aos condicionamentos que a vida impõe, mas agarram-se à esperança firme de que um dia verão a concretização das suas maiores expectativas.

O menino sabia disso, e todos os dias fertilizava a sua imaginação, deixava-se levar pela ousadia de querer voar sem asas, pelo desejo de querer estar perto do que lhe fomentava um palpar no coração. Fazia isso

de forma consciente com um objetivo particularmente concreto: quando o papagaio de papel voltasse para o levar não poderia haver entrave que rompesse a corda, os seus sonhos teriam de ser bem maiores que qualquer medo que, por ventura, lhe continuasse a pairar.

Não contou à mãe o sucedido porque achava que os adultos não conseguem entender aquilo que vai além do que os olhos podem ver. Contudo, esporadicamente lá se descaía com uma pista discreta sobre as alegadas pretensões. Sempre que estava ao lado dela a olhar pela janela para o azul infinito que cobre o mundo repetia as palavras que certa vez o avô lhe dissera:

— Os sonhos que carregamos são como nuvens: podem ter mil formas ou assumirem diferentes tamanhos, mas o mais importante é que um dia surjam no céu das nossas vidas.



O que te atormenta não é a necessidade de escolheres um caminho, mas sim o receio que sentes do desconhecido. O que te prende e imobiliza é a dúvida do que acontecerá no passo seguinte e o modo como reagirás a cada nova circunstância. No entanto, é precisamente entre essa sucessão de indefinições que poderá surgir a certeza que procuras, uma inesperada perspetiva diante dos teus olhos que te fará descobrir até mesmo novas coisas a teu respeito.

Assim como a estrada faz-se em andamento, a vida acontece quando estás em movimento. E tu só precisas de persistir em avançar, mesmo que o solo pareça demasiado incógnito, com a crença que ainda virás a abraçar o que de melhor ela te tiver reservado.



Sonha. Porque enquanto sonhares nunca secará a fonte da tua vida. E dela beberás uma água que não te mata a sede, mas o receio do que ainda está por vir, um elixir feito de crença, o combustível para a tua felicidade. Sonha se isso é tudo de que precisas e se aquilo que idealizas dentro de ti te faz bem. Há quem despreze o poder desse forte desejo que nos serve de sustento, mas que nunca seja esse o teu caso. Sem lhe impor prazo, ou impingir uma desnecessária condição, faz da possibilidade de sonhar a derradeira motivação para nunca retrocederes daquele que é o teu rumo.